



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

Ata da Reunião do Conselho de Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque (CCPIO) com a Petrobras sobre a exploração de Petróleo no FZA-M-59

Local: Centro de Formação Domingos Santa Rosa – TI Uaçá – Oiapoque/AP

Data: 13/02/2023

A reunião iniciou as 10h20 minutos com as boas-vindas do Coordenador do CCPIO a todos os presentes. Passa a palavra a Coordenadora da SEPI (Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas do Estado do Amapá), Simone Karipuna, que apresenta sua equipe, dar as boas-vindas aos presentes e fala que estão como governo para entender o início desse diálogo pelo empreendimento da Petrobras. Com a palavra, Elson Forte, coordenador adjunto da SEPI, agradece o convite e espera contribuir para a discussão. Com a palavra cacique Edmilson fala em kheoul (língua indígena) sobre a presença desse grande empreendimento que é a exploração de petróleo. Passa a palavra para Ramon fazer fala em kheoul, fala que desde muito tempo vem se preocupando com essa exploração, fala que muitos indígenas nas aldeias nem sabe dessa exploração e precisam de ajuda com os projetos e que tem vários indígenas capacitados assumir vagas na Petrobras. Fala sobre **o impacto aéreo das aeronaves da Petrobras que estão sobrevoando todos os dias em cima das aldeias, e isso pode prejudicar as caças e as aves, que servem para alimentação, e que está atrapalhando até o sossego das comunidades**. O Coordenador faz a liberação do registro de imagens e informa que para a publicação será necessário solicitar ao CCPIO. Com a palavra Priscila, coordenadora responsabilidade social da Petrobras, dar as boas-vindas a todos, apresenta sua equipe composta por 13 pessoas. Apresentação de Patricia, engenheira de meio ambiente/Petrobras. Apresentação de Maiara, Geóloga/Petrobras. Apresentação de Juliane, área de responsabilidade social/comunicação/Petrobras. Apresentação de Fabiana, economista, gerenciamento com poder público. Apresentação de Rogerio, Geólogo/Petrobras. Apresentação de Daniele, gerente da área de Meio Ambiente/Petrobras. Apresentação de Paula, comunicação da Petrobras. Apresentação de Vitor Hugo, apoio na parte de infraestrutura. Alex Santos, área de inteligência e segurança administrativa/Petrobras. Apresentação de Cristiane Martins, consultora em antropologia/Petrobras (Empresa Diagonal). Apresentação Diego, consultor em antropologia/Petrobras (Empresa Diagonal). Felipe Gaspar, fotografo/Petrobras, afirma que não serão divulgados materiais sem autorização. Livia, consultoria em oceanografia/Petrobras (Empresa Prooceano), estuda o que vai ocorrer se o óleo vazar. Os caciques se apresentam na plenária. Após apresentação das OIs (Organizações Indígenas), Priscila se apresenta como representante da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Amapá e norte do Pará (APOIANP) e Articulação Indígena do Rio Oiapoque (AIRO), Edmilson como coordenador do Conselho dos Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque (CCPIO), Renata como representante da Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão (AMIM), Rubmauro se apresenta como representante da Articulação Indígena do Povo Galibi Marworno (AIPGM), Zildo se



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

apresenta como representante da Associação indígena do Povo Palikur (AIPA), Kássia como representante da Nana Kali'na, Marcela como representante da Organização da Juventude Indígena do Oiapoque (OIJO), Damasceno como representante da Associação Uasei dos Povos Indígenas do Oiapoque (UASEI). Apresentação dos parceiros, Diogo da CLT Oiapoque - FUNAI, Monica do IBAMA/Oiapoque, Rita do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena - Iepé, Daniela do WWF-Brasil e Simone Karipuna da SEPI. Com a palavra Priscila (Petrobras) agradece a apresentação de todos, fala que o objetivo é repassar as informações da perfuração de pesquisa de um poço na área profunda do mar, fala que a Petrobras entende que os Povos Indígenas têm um relacionamento próximo com sua terra, que um dos valores da Petrobras é o respeito as pessoas e ao meio ambiente. Fala sobre a implantação de projetos socioambientais e estão com edital aberto para propor novos projetos. Com a palavra Maiara, inicia a apresentação de Atividade de Perfuração Marítima do Bloco FZA-M-59, apresenta a empresa Petrobras, demonstra no mapa as áreas mapeadas pela Petrobras, explica a atividade, que é a perfuração de um poço (FZA-M-59) que busca petróleo a 178 km da costa, em alto mar, mesma distância de Oiapoque a Calçoene, fala que a atividade temporária por 5 meses, que estão investigando/pesquisando a existência de petróleo no bloco FZA-M-59. Fala da utilização do Aeroporto de Oiapoque e as reformas realizadas. Explica o processo de exploração e produção, primeiro com o leilão dos blocos, pesquisa da bacia, pode-se chegar até a perfuração para pesquisa (estão nessa fase) buscando as devidas licenças ambientais pelo IBAMA. Superada essa fase e obtida a licença, inicia-se o plano de avaliação da exploração, se houver petróleo, o campo produtor estará apto à produção de petróleo, e deverá passar por um novo licenciamento ambiental. Fala que a segurança é um dos valores da Petrobras, que as atividades são monitoradas 24 horas por dia. Acrescenta que utilizam recursos de última geração, possuem programas de manutenção preventiva e corretiva, que passam por vistoria, auditorias e capacitação técnica da equipe. Cacique Mario fala que em 1969 houve uma visita da Petrobras, com várias pessoas, inclusive profissionais de outros países, e estavam fazendo pesquisa de petróleo na região e que falaram que tinha muito petróleo na costa, e que no futuro haveria uma grande produção petrolífera na região. Contudo essas pesquisas foram realizadas sem o aviso prévia às comunidades indígenas, assustando todos, com o barulho e a quantidade de embarcações que adentram nos rios dos territórios indígenas em Oiapoque. Em seguida, Mayara faz a apresentação em vídeo de como é feita a perfuração de pesquisa de petróleo em alto mar. Com a palavra, Patricia fala sobre o compromisso da Petrobras com segurança e com responsabilidade social, fala dos estudos dos possíveis impactos e as medidas de mitigação. Fala que ocorreu um estudo das áreas costeiras e da região marítima, área de rota de embarcações e aeronaves, no diagnóstico ambiental foi estudado o meio físico, como clima, correntes, ondas e marés, fundo do mar, vento, qualidade da água, sedimentos marítimos. Fala que ocorreu um trabalho de campo, que na região da exploração não chega os raios solares, que conseqüentemente não teria vida marítima a essa profundidade. Fala da pesquisa do meio biótico, que é o estudo dos animais marinhos, aves, mangues, ecossistemas, áreas sensíveis. Fala do que são os estudos do meio socioeconômico, voltados para a organização social e econômica, comunidades



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

tradicionais, pesca e extrativismo, lazer, turismo, entre outros, necessários ao licenciamento ambiental. Fala que a atividade pesqueira é importante para região, quando estudada a área de pesca do Amapá, que vai da região da ilha de Marajó até o Cabo Orange, na área do bloco FZA-M-59 não foi identificada atividade pesqueira. Projetou o mapa de Terras Indígenas e Quilombolas, das Unidades de Conservação e Áreas de Pesca. Pausa para almoço entre 11h45m e 13h35m.

Retomada a reunião, com a palavra Patricia (Petrobras) que inicia falando dos resultados dos estudos de impactos, fala dos impactos operacionais que estão associados ao funcionamento normal da perfuração de petróleo. O primeiro impacto elencado é a **geração de expectativa** pelo início das operações da Petrobras na região. Em seguida, apresentou os possíveis **impactos que podem afetar a área marítima, como a qualidade da água, do ar e do sedimento, animais marinhos e aves, a ecologia local, atividade pesqueira artesanal e industrial na rota das embarcações, o tráfego dos barcos e a infraestrutura de gerenciamento de resíduos**. Apresenta os projetos ambientais da Petrobras, como gerenciamento de resíduos. Explica que na sonda e no barco de apoio conta com um profissional para observação e monitoramento dos animais, explana sobre o projeto de monitoramento visual com robôs, para melhor entendimento do fundo do mar. Acrescenta que não há nenhuma formação biológica, no local de perfuração do poço. Fala dos demais projetos, como o Monitoramento Integrado Dedicado, esse projeto já está em andamento com uma pessoa que está realizando o levantamento da biota, com equipamentos de captação de som dentro do mar. Explica sobre o projeto de Censo Espaço-temporal de aves e ecossistemas costeiros e migratórios, afirma que o projeto está em execução, são campanhas trimestrais para o censo de aves, por 2 (dois) anos. Explica sobre o projeto de monitoramento de desovas de tartarugas marinhas, que visa contribuir para os estudos acerca da temática, fala que em Calçoene tem uma praia monitorada. Fala do projeto de comunicação social, explana que em novembro ocorreu em Oiapoque uma reunião informativa sobre a perfuração e exemplifica que esta reunião com o CCPIO também está enquadrada no projeto de comunicação. Patrícia explana sobre os impactos potenciais, que podem ocorrer em caso de acidentes, fala que na história da Petrobras já ocorreu a perfuração de mil poços em corpos d'água e não ocorreu ainda nenhum acidente. **Afirma que em caso de derramamento, os estudos não preveem a chegada do óleo na costa brasileira**, explica que os estudos de modelagem são **simulações nos computadores**, que levam em consideração os dados da dinâmica da região. Fala das estratégias de resposta em caso de acidente: primeiro passo é a contenção da fonte (parar o vazamento), seguidos por monitoramento do óleo, contenção e recolhimento do óleo, dispersão química do óleo, atendimento à fauna e atuação em águas internacionais. Fala dos recursos contratados e mobilizados, com equipe treinada para acidentes, 5 embarcações para a contenção de óleo, equipamentos para conter o óleo com barreiras, helicópteros, boias e balões de monitoramento e um centro de atendimento a fauna. Afirma que essas são as respostas da Petrobras para um acidente, em último caso, mas que trabalham com a prevenção. **Fala que o próximo passo é a Avaliação Pré-Operacional, onde será demonstrado ao**



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

IBAMA que a Petrobras está pronta para iniciar a perfuração do poço, que se espera que aconteça ainda nesse primeiro trimestre e esperam que o diálogo continue com os Povos Indígenas. Com a palavra, Ramon (Representante Indígena na Prefeitura do Município de Oiapoque) fala que está preocupado com os impactos, fala que 70% da TI é água, tem períodos de seca, fala que sua preocupação é com os filhos e netos, que pode cair uma aeronave e venha a ocorrer uma explosão, pode perder, peixes, tracajás, jacarés e aves. Explana que em conversa com os caciques, que os pássaros migratórios (ex. Jaburu) estão se deslocando para outra área, fala que **por mais que tenham estudos, os indígenas que estão sofrendo os impactos.** Propõe contrato para os agentes ambientais indígenas fazerem o monitoramento, pois hoje já sentem o impacto das aeronaves. Fala que as dinâmicas da maré influenciam muito nos territórios indígenas, que não sabe o que pode acontecer caso haja um acidente. Já possuem a experiência de mudanças nos territórios, pois antes tinha pororoca, agora não tem mais. Rubmauro (Coordenador da AIPGM) fala que está preocupado com os empreendimentos ao entorno e pergunta quais são as compensações, principalmente em caso de acidente e que gostaria que houvesse um conselho para saber como está o processo de exploração/pesquisa. **Silas (Povo Galibi Marworno) pergunta se nos estudos têm impactos sociais e se a empresa se responsabiliza por esses impactos.** Maxwara (Professor Galibi Marworno) explana sobre o rio Cassiporé, que tem vários igarapés que interligam com a TI Uaçá, caso se tenha um acidente, fica próximo da área costeira e pergunta quais as mitigações caso isso venha a ocorrer e se tem alguma pesquisa. Cacique Nazildo está preocupado com impactos nos animais, que acha que deveria ter um componente indígena para as comunidades estarem cientes do que está acontecendo. **Cacique Odimar fala sobre o lixão que querem instalar na frente da sua aldeia (km 23), fala que já foram averiguar o local e que tem vários igarapés e pede que se tenha indígenas para o acompanhamento:** *“A história do lixão começou com 500 metros de distância da aldeia Tuluhi. Sabemos todos os igarapés e espaços que a TIs e a nossa preocupação é que o lixão afete nossas águas. Disseram que não vai atingir nada. Mas vai atingir com certeza. Vocês [Petrobras] fazem um estudo agora, mas no futuro sabemos que vai nos atingir. Tem casas e umas 100 pessoas que moram ali perto de onde será o lixão”.* Cacique Edmilson explana sobre a mudança de local da lixeira pública de Oiapoque para frente da Aldeia Tuluhi para operacionalização do aeroporto de Oiapoque: *“Já estamos sofrendo impacto com a mudança do lixão da cidade para o quilômetro 21 da BR, na terra indígena. [Hoje, o lixão] está na rota dos aviões, agora vai ficar na aldeia, perto dos igarapés do rio Curupi. É nosso berçário de peixes que sobem no verão para desova. É um impacto que já vamos sofrer”.* Priscila (Petrobras) respondeu a solicitação de um representante indígena (ponto focal) acompanhar o trabalho da Petrobras, diz que as demandas serão levadas para serem analisadas. Fala que ainda está em estudo a melhor forma de comunicação, frente as reclamações repassadas, mas que pretende repassar as informações para o CCPIO informar as comunidades. Com a palavra, Patricia (Petrobras) **fala que a questão do lixão é de responsabilidade da Prefeitura de Oiapoque,** e que já vinha sendo encaminhado pelo município. Sobre a compensação/reparação em caso de acidente em suas atividades diretas, explica que a Petrobras é responsável apenas pelas



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

atividades de sua operação e pelos danos causados decorrentes dela. Patricia ainda explana que se o acidente advém de uma atividade da Petrobras, a empresa será responsável por tudo, inclusive indenização. Com relação as aeronaves, afirma que a Petrobras é uma das maiores operadoras de voo do país, e que existe, inclusive, uma área da empresa que trata da segurança das aeronaves. Dessa forma, há uma preocupação com a segurança dessas aeronaves, e a empresa responderá rapidamente em caso de acidentes com aeronaves. Sobre as preocupações dos caciques sobre um potencial incidente e sobre seus conhecimentos de dinâmicas das águas, Patricia da Petrobras informa que estudos de modelagem da região são robustos. Reforçou que as operações de exploração estão a quilômetros de distância e em águas profundas, não havendo previsão de impacto na zona costeira do Amapá. Daniele (Petrobras) intervém e indaga aos presentes sobre os impactos positivos que a Petrobras pode trazer para os Povos Indígenas, e solicita que apresentem suas propostas. Com a palavra, Simone (SEPI) fala que estão num momento crucial e pergunta qual a contrapartida, de forma bem concreta, a ser feita pela Petrobras, pois estamos vendo todo o potencial que pode ser trazido. E afirma que o Governo do Estado do Amapá (GEA) tem interesse neste processo, pois pode valorizar o que já se tem na região. Simone (SEPI) continua sua intervenção, pergunta se foi pensado em alguma capacitação para os povos tradicionais atuarem na Petrobras, bem como o que vai ocorrer se tiver o petróleo e o que vai ocorrer se não tiver. Levanta que foi informado que há várias perfurações previstas, questiona qual seria o critério. Pergunta se os protocolos de consulta estão sendo levados em consideração, se existe algum plano de mitigação, se existe algum trabalho preventivo e qual abrangência do trabalho de monitoramento. Acrescenta o questionamento sobre o tráfego aéreo que fica em cima dos territórios, como ele foi pensado pela Petrobras. Cacique Jacson reforça a fala de todos que o território é dos povos indígenas, que são os povos que vivem aqui que o conhecem, fala que estava na primeira apresentação da BP (Empresa anterior responsável pela pesquisa no Bloco FZA-M-59), que conhece a dinâmica da maré, que os rios sofrem influência do oceano, que já questionou se terá somente impacto aéreo ou se terá impacto terrestre, que os indígenas não sabem quem está sobrevoando o território causando impacto. Complementou que tem várias aves da região, que as aeronaves voam baixo e podem bater nos pássaros. Reforça a importância de mais espaços de esclarecimento para entender como vai ocorrer a exploração de petróleo, pois apenas um encontro não é suficiente para que os povos indígenas tomem alguma decisão, por isso, a importância de se respeitar o Protocolo de Consulta. O cacique relembra a discussão com a PCH Salto Cafesoca e pede que se esclareça todas essas questões, pede que se tenha representantes indígenas dentro das discussões, pois tem indígenas capacitados para esses espaços de discussão. Ainda sobre o sobrevo de aeronaves, o cacique reforça que elas voam baixo e ninguém sabe de quem é a aeronave, os indígenas ficam até assustados. Por isso, pergunta: “Caso tenha o petróleo, terá outro estudo, outra conversa?” Em seguida, Ramon (liderança Karipuna) agradece o diálogo com a Petrobras e que quer algum representante dos Povos Indígenas na Petrobras, que tem que ter consulta e se não for respeitado tem que acionar o MPF. Cacique Damasceno faz uma reflexão de 2 anos atrás que teve



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

uma reunião em Macapá, que falaram os impactos em caso de acidente de derramamento, fala que já acharam destroços de avião na TI, e **afirma que pela maré a mancha chegaria, sim, nas terras indígenas. Reforça que tem que seguir o protocolo de consulta e considera esta reunião com a Petrobras apenas como a primeira de outras.** O Cacique acha muito importante que algum representante indígena acompanhe as discussões e que haja cursos de capacitação para indígenas. Com a palavra, o vereador indígena, Noel Henrique, pergunta se os representantes farão visitas nas comunidades e se terá compensação pelos impactos das atividades da Petrobras. Reforça a necessidade de contratação dos agentes ambientais para atuarem nas ações de monitoramento ou até mesmo nas capacitações. Priscila Karipuna (Apoianp) **reforça que não são contra nenhum empreendimento, mas que querem que o protocolo seja respeitado. Pergunta se leram o protocolo de consulta, pois aponta falhas desde início do processo de diálogo com os povos indígenas. O direito da Consulta, conforme a Convenção 169 da OIT e Constituição Federal, é garantido e deve ser cumprido, uma vez que o respeito é um dos valores da Petrobras. Reitera que os impactos já começaram, assim como as pressões já começaram nas lideranças. Pergunta se a Petrobras dialogou com a Funai (sem resposta), fala que se esse processo tivesse seguido o Protocolo de Consulta estariam em outra forma de conversa.** Exemplifica que na sua região, no Rio Oiapoque, já há vários impactos, advindos da promessa dos grandes empreendimentos, que só do impacto aéreo, já se tem relatos de afastamento das aves e **sugere a construção de um GT dentro da Petrobras, com as OIs, MPF e parceiros, para que se faça valer os direitos dos Povos Indígenas. E pede que se saia hoje com o GT formado para que o Protocolo de consulta seja seguido, pergunta a plenária se sai ou não um GT. A plenária aceita.** Em seguida, Maiara (Petrobras) responde que os projetos já realizados em outros territórios ficaram com impacto positivo às suas populações. Rogério (Petrobras) explana sobre o processo de exploração e produção, que a Petrobras entrou no processo em 2021, que a empresa quer construir em conjunto aos Povos Indígenas. Priscila (Petrobras) fala sobre a questão das contrapartidas, diz que tem um leque de opções, muitos projetos em todo o Brasil e que estão abertos a construir em conjunto um projeto para a região, elenca alguns projetos que a Petrobras trabalha, que tem o sistema S de capacitação de pessoas, doação de computadores e se coloca à disposição para ouvir sugestões de projetos. Priscila (Petrobras) afirma que vai ter um edital de financiamento de projetos socioambientais voltado para povos indígenas. Fala que no Oiapoque a Petrobras está com uma equipe muito pequena, com 20 pessoas, dessas pessoas, 3 são indígenas, que estão na obra de revitalização do aeroporto. Contudo, para o navio sonda há necessidade de pessoas altamente qualificadas. Em resposta aos questionamentos feitos pelos caciques, sobre as pessoas da empresa que chegam à Oiapoque, fala que são funcionários da Petrobras que estão em trânsito a caminho do navio sonda. Acrescenta que os dois pontos focais da Petrobras com os povos indígenas, são as funcionárias Priscila e Juliane. Priscila (Petrobras) reforça que não tem como colocar um representante indígena dentro da Petrobras, pois não há escritório da empresa em Oiapoque. **Na sequência, esclarece que estão dispostos a criar um Comitê/GT, bem como há a possibilidade de realização dos cursos de capacitação.** Patricia



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

(Petrobras) fala que as aves são uma preocupação e fala que **o projeto de controle de aves tem duração de dois anos de monitoramento, reafirma que os estudos de modelagem são robustos**. Maiara (Petrobras) fala se houver petróleo os povos indígenas serão informados, bem como a compensação não será por etnia, e sim para todos. Hiandra (Assessoria Jurídica da Apoiap) fala que algumas respostas não ficaram claras para os caciques e que como os caciques falaram, os impactos já existem, a exemplo da pressão que os indígenas sofrem dos órgãos públicos e municipais de Oiapoque para a mudança da localização da lixeira para às proximidades da TI, pois expectativas têm sido geradas. É só ir à cidade e conversar com as pessoas. **Afirma que as atividades da Petrobras ocasionaram o aceleração da transferência do aterro sanitário. Desse modo, a Petrobras tem responsabilidade direta, pois há um claro nexo de causalidade, não pode se eximir dessa responsabilidade factual**. Outro exemplo de impacto, **na TI Juminã já relatam o desaparecimento de pássaros pelo tráfego aéreo na região, impactando diretamente a segurança alimentar dos indígenas, que não foi elencado nos estudos de impactos da Petrobras**. Na apresentação de slides da Petrobras, a assessora jurídica não viu a inclusão do controle social nos projetos da Petrobras, que não se configura como contratação e, sim, uma estância representativa para acesso à informação e alerta dos riscos em potencial. Menciona, ainda, que o projeto de comunicação social da Petrobras, não pode utilizar métodos comuns de comunicação para dialogar com populações indígenas, não é uma via de mão única. Não há comunicados das atividades da empresa que estão ocorrendo, e, nesta reunião, os caciques já levantaram diversas vezes que o tráfego aéreo é um impacto, e ninguém sabe quem está nesses helicópteros, se são pessoas da Petrobras, ou não. Hiandra pergunta se houve entrevistas e consultas acerca dos conhecimentos tradicionais dos indígenas da dinâmica de marés, pois não foram apresentados quais estudos foram realizados, que não levam em consideração os conhecimentos dos caciques aqui relatados. Pergunta **qual o percentual de limpeza em caso de derramamento de óleo e se uma mancha à deriva que não foi contida, após um ano, poderia, pelo regime de maré, voltar ao território indígena**. **Cita, ainda, que a forma como tudo foi colocado na apresentação da Petrobras, há uma presunção que tudo está sob controle, não cita nenhuma margem de erro ou possibilidade de falhas**. **Reforça que essas discussões são necessárias nos termos do Protocolo de Consulta para mensurar os impactos reais do empreendimento e após esse processo pensar nas compensações**. Informa que o “termo” utilizado pela Petrobras **não é para continuar o diálogo** e, sim, **processo de consulta, de acordo com legislação vigente, Convenção 169 e Constituição Federal**. Pergunta onde fica a central de atendimento à fauna e pergunta se vão assumir o compromisso da Consulta. Reafirma a importância do controle social, e indaga se a Petrobras vai assumir essa agenda, para uma construção feita de fato com participação social. Fala que a Petrobras afirmou que não ia jorrar nada, pergunta se já ocorreu algum acidente nas sondas, e se tem percentual de contenção e se teriam como mitigar caso ocorra. **Pergunta se estamos na época mais segura para se fazer a perfuração utilizando a sonda, pois as marés e ventos mudam de acordo com a época do ano**. **Afirma que houve uma grave falha da Petrobras em não incluir na sua apresentação aos indígenas, mapa da modelagem de dispersão do**



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

óleo em caso de acidente, essencial para um diálogo de boa-fé e respeito com os povos indígenas. Hiandra relembra que **a Petrobras deve fazer uma comunicação adequada sobre o tráfego aéreo que passa em cima das aldeias.** Relembra sobre a expectativa no estado com o primeiro voo da Petrobras, que tem uma pressão em cima dos Povos Indígenas sobre essa exploração. Diante disso, a Petrobras não pode se eximir dessa responsabilidade, e mais uma vez, pergunta o que está acontecendo nesses voos e em que etapa estão as atividades de exploração, pois é visível a presença da Petrobras na região. Com a palavra Kassia (Coordenadora Nana Kali'ñã) relembra que já com a vinda da BP, anos atrás, e a apresentação da exposição da perfuração, que o Museu Kuahí dos Povos Indígenas de Oiapoque começou a receber currículos e que já se tem uma expectativa no estado para geração de emprego. Relembra a reunião que ocorreu com os órgãos públicos sobre o Aterro Sanitário, fala que na apresentação dos estudos foi repassado dados tão positivos e maravilhosos, que até mesmo cogitou um aterro idêntico no quintal de sua residência. Acrescenta que já no momento da pesquisa da Petrobras, já existe impacto, imaginem na exploração, que acredita que deva ter um processo para ficar tudo mais claro e acessível ao diálogo. Reforça as falas dos impactos do tráfego aéreo e pergunta o que as aeronaves estão fazendo, já que ainda não há autorização de operação da exploração. Fala que as aves, para além da segurança alimentar, são usadas em rituais e artesanatos, e que nesse pouco tempo, já se constata o afugentamento de várias aves, já percebido, com os animais de caça. Relembra o diálogo com os responsáveis pela PCH Salto Cafesoca, que também disseram que não teriam impactos, mas hoje surgiram vários impactos, por exemplo bancos de areia no Rio Oiapoque, que não existiam antes. Fala que o território é muito importante para os indígenas, qualquer mudança os impacta diretamente. Kassia conclui reforçando a importância das reuniões regionais e do Processo de Consulta e demanda a criação do GT. Cacica Elza fala que está preocupada com o vazamento de óleo e como ficarão seus netos, caso fique sem peixes nas terras indígenas. Ela afirma que a maré avança muito nos rios da Terra Indígena e um vazamento de óleo traria impacto. Pergunta se a Petrobras vai ter dinheiro para sustentar toda a população indígena, caso não tenham mais peixes e nem caças no território. Fala que na reunião informativa da Petrobras de novembro, perguntaram se Oiapoque seria a “barriga de aluguel” para Petrobras, pois os benefícios ficariam para o Pará. **Fala que está cansada de empresas vindo enganar os indígenas.** Com a palavra, Laura (CTL Funai) pede para a Petrobras explicar a necessidade e justificativa para operação de poços de petróleo em um contexto de mudanças climáticas e descarbonização. Pergunta se a estatal não irá investir em outras tecnologias, mais sustentáveis de geração de energia. **Questiona se for encontrado o petróleo neste bloco, quantos outros blocos entrarão em exploração e como isso irá impactar a região.** Com a palavra, Daniele (Petrobras) fala que a Petrobras é uma empresa engajada com a mudança energética, que estão em processo de transição e parte dos recursos obtidos com combustíveis fósseis, vão ajudar a custear as energias renováveis. Fala que a empresa entende que tem impactos, que trouxeram apenas uma versão resumida do projeto e que a empresa consegue contornar de forma segura esses impactos. Considera que deve se ter uma frente ampla de trabalho, que estão abertos a fazer a construção dentro do Protocolo de Consulta, para que seja um



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

impacto positivo. Patricia (Petrobras) fala que estão na fase de conseguir a licença de operação, que ainda não estão operando e que hoje se tem uma sonda em instalação para executar a avaliação pré-operacional para o IBAMA. Os barcos já estão preparados e confirma que tem o tráfego de aeronaves para levar as equipes que mantêm a sonda em operação em alto mar. Afirma que o uso do aeroporto é para deslocamento até a sonda e para Macapá, mas esclarece que não é somente a Petrobras que utiliza o aeroporto. Informa que o Centro de Reabilitação de Fauna fica em Belém, em caso de fauna oleada a fauna vai para Belém. Kassia (Nana Kali'na) fala que Belém é muito distante. Daniele (Petrobras) fala que a base de operação é em Belém, então tudo é concentrado lá. Com a palavra, Maiara (Petrobras) fala que estão na fase exploratória, e que cada processo tem seu licenciamento e esses processos duram de 5 a 10 anos. Rogério (Petrobras) fala que a Foz do Amazonas não tem nenhuma similaridade com a área do pré-sal, são reservatórios distintos. Concorde com a criação do GT para **a difusão da informação**. Relata que na Guiana Francesa foram 5 poços perfurados, dos quais apenas 1 tinha petróleo e não era viável comercialmente. Maiara (Petrobras) fala que a Petrobras já explorou 400 poços na margem equatorial, que vem desde Rio Grande do Norte. Rogerio (Petrobras) levanta vários dados da Petrobras, com exploração de poços e poucos acidentes. Hiandra (Apoianp) fala que a pergunta foi específica na Foz do Amazonas, com a dinâmica de marés e se essa seria a melhor época para a perfuração. Rogerio (Petrobras) fala que tem vários dados, que vieram buscar uma nova fronteira, fala que a probabilidade de acerto é de 15 a 20%. Hiandra (Apoianp) pergunta se teve algum acidente e incidente nessa área, se a corrente marítima é favorável nessa época do ano. **Simone (SEPI) fala que foi colocado diversas vezes a preocupação dos caciques com o espaço aéreo e que tem que ver como vão mitigar essa problemática que não teve resposta.** Pergunta se teria como mudar o itinerário das aeronaves, para diminuir os impactos nos territórios. Pergunta se tiver petróleo, se serão necessárias outras perfurações. Rosileide (SEPI) questiona quantas perfurações por cada bloco serão feitas se não encontrar petróleo na primeira tentativa. Maiara (Petrobras) fala que se não houver as respostas aos questionamentos das lideranças indígenas agora, serão trazidas posteriormente. Fala que a comunidade trouxe os impactos e será analisado internamente o que pode ser feito. Responde que tem uma perfuração agora e a possibilidade de se perfurar mais 3 poços em contingência, neste mesmo bloco. Priscila (Petrobras) fala que será criado o GT e será seguido o protocolo de consulta. Daniele (Petrobras) fala que vai seguir o diálogo para construção de projetos para atender a coletividade. Patricia (Petrobras) fala que já existe o projeto de comunicação social onde todas as etapas são divulgadas. Hiandra (Apoianp) pergunta sobre a licença de perfuração, quantas perfurações são. Patricia responde que vão perfurar 1 e se tiver o resultado positivo, será avaliado se será necessário novas perfurações. Hiandra (Apoianp) pergunta dos outros 5 blocos que a Petrobras tem concessões na Foz do Amazonas. Patricia (Petrobras) responde que os outros blocos têm seus processos de licenciamento, em diferentes fases, e precisarão de novas perfurações. **Cacique Edmilson (CCPIO) informa que se organizará para montar a composição do GT e posteriormente comunicar a Petrobras.** Hiandra (Apoianp) relembra as perguntas não respondidas pela Petrobras, como a modelagem de dispersão de óleo não



Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Centro de Formação Domingos Santa Rosa – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque/AP

apresentada e a taxa de contenção de óleo em caso de acidente. Patricia (Petrobras) responde que na contenção de óleo, cada caso é um caso, pois depende das condições ambientais e muitos outros fatores. Fala que a Petrobras trabalha com equipamentos de alta eficiência. Com relação aos dados de modelagem, foram obtidos por diferentes operadoras e com os resultados do Projeto Costa Norte (2018). Daniele (Petrobras) confirma a participação da Petrobras no GT, para disponibilizar informações e para que possa utilizar o Protocolo de Consulta para a elaboração de projetos em conjunto. Hiandra (Apoianp) fala que querem que se cumpra o direito à consulta prévia, que é um direito garantido pela Convenção 169 da OIT, e que se garanta o compromisso de seguir o Protocolo de Consulta, sendo que o GT é um caminho para se chegar a isto. Com a palavra, Cacique Edmilson agradece a todos a presença, pede que os anseios sejam atendidos e que se siga o Protocolo. Fala que já sentem alguns impactos e que muitos outros virão a aparecer depois. E que esse primeiro empreendimento seja um espelho para os demais empreendimentos que surgirão. Fala da preocupação dos caciques e que conta com a sinceridade da empresa e encerra a reunião as 17h55 minutos.